

A ILUSTRAÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS

DANUTA WOJCIECHOWSKA

Agradeço o convite que me foi feito pelo Dr. José Oliveira e pela ESEB para vir falar hoje sobre Ilustração, sobre o meu trabalho, sobre livros para crianças.

Tenho muito prazer em estar aqui também porque vou abordar um tema — o livro ilustrado — que considero fundamental em diversos contextos educacionais, pois este simultaneamente reflecte, por um lado, a sua natureza artística, e por outro, a sua natureza pedagógica.

Para mim o livro ilustrado é um veículo — uma ferramenta por excelência da formação, no sentido mais amplo do termo — formação do gosto, um estímulo para a fantasia e para a criatividade, um veículo para a educação afectiva e emocional. E importa também não deixar de lado o prazer que lhe deve estar associado, ou ainda de como é fácil e apetecível, através do livro, transmitir ideias, informações, conceitos. No livro ilustrado tudo isto pode ser apresentado visualmente a uma criança, de um modo muito atraente, e ainda embrulhado como num presente.

A combinação dos textos e das imagens, das palavras e dos desenhos, constroem um novo conjunto, em que uma mensagem ou um conceito pode ser apresentado não só com força ou com clareza mas também de um modo imaginativo, criativo.

O livro ilustrado para crianças, se for de qualidade, é um pequeno objecto mágico, cheio de segredos, cheio de cultura, cheio do Mundo, um mundo traduzido em imagens. Porque o livro ilustrado de qualidade tem a capacidade de transformar ou de traduzir, através da sua linguagem «artística» através da sua expressão, os conjuntos de conteúdos que se quer transmitir, sejam eles de natureza emocional ou informativa, em imagens e histórias com a capacidade ou com o dom de encantar. É magia, magia para crianças.

Hoje em dia as crianças são expostas a várias influências e estímulos visuais. Passam horas e horas a brincar com jogos de computador ou vêem na televisão e nos vídeos muitas imagens, que passam a ritmos muito acelerados e artificiais com o propósito de prender e fixar a atenção. Perante esta realidade parece-me realmente pertinente observar quais as diferenças ou semelhanças que existem entre estas novas formas de comunicação ou de diversão e aquela que nos pode proporcionar o contacto com o livro ilustrado.

Temos que pensar ainda muito bem se é que o livro ilustrado ainda pode corresponder à imagem que lhe atribui inicialmente, se é que ainda pode cativar a atenção das crianças modernas e como. Penso que temos que reflectir sobre esta questão para ter vontade de trabalhar com o livro, seja como ilustrador, escritor, editor ou como alguém que apenas escolhe livros para crianças.

Isto remete-nos para um questionamento dos conteúdos, da estética e dos afectos no desenvolvimento harmonioso da criança. A pergunta que me ponho como pessoa, como mãe ou como profissional na área da comunicação, ou mesmo quando me convidam para pensar ou conceber ateliês de ilustração ou mesmo de pintura com crianças ou professores, é do tipo de: com as ferramentas que tenho, que sempre contribuíram para embelezar o mundo, que construíram cultura, que estímulos devo proporcionar ou como é que posso acompanhar a criança, um ser humano em desenvolvimento, para que ela se possa

tornar uma pessoa equilibrada, satisfeita, com auto-estima e confiança. Lembro-me das palavras do Maurice Sendak «é difícil ser o mais pequeno» ou da angústia sentida por Eric Carle em criança, «sempre senti que nunca ia crescer, ser grande, eloquente e inteligente».

A resposta consciente a estes sentimentos está, por exemplo, na base de livros como *Where the Wild Things Are*, que por sinal ainda não se encontra traduzido para português, ou a *A Lagartinha Comilona*.

No livro *Where the Wild Things Are*, de Sendak, um menino que foi castigado pela sua mãe, entra no seu mundo da fantasia e, vestido no seu fato de lobo, inicia uma viagem onde se confronta com monstros e medos, mas que, através da sua criatividade e da sua imaginação, consegue dominá-los como um rei. Já no livro do Eric Carle — *A Lagartinha Comilona* — confrontamo-nos com a imagem de uma lagartinha que se transforma em borboleta, com a mesma segurança e tranquilidade que, neste livro, passam os dias da semana. O autor criou um paralelismo entre a confiança, o crescimento e a transformação. Quase como se estivesse a dizer que uma criança pode crescer com tranquilidade e segurança. Aliás, em todos os livros de Eric Carle encontramos este tipo de imagens, que suportam sentimentos de segurança, que introduzem paralelamente a passagem do tempo e o crescimento com uma grande naturalidade e confiança no futuro.

Parece-me que, do ponto de vista destes dois autores e ilustradores, existe também a preocupação de assistir à criança no seu desenvolvimento. O futuro é algo de desconhecido, algo a descobrir. Como é possível então apoiar, contribuir, através do livro ilustrado, para que uma criança ou para que um jovem seja activo, útil e inovador numa sociedade presente ou futura, que seja este um instrumento da sua individuação.

Naturalmente que, ao longo do seu desenvolvimento a criança necessita de uma estimulação muito variada e diferenciada. Mas também é importante que a criança sinta vontade

em crescer, sinta prazer nisso, e tenha confiança e seja verdadeiramente bom naquilo que faz, só que muitas vezes os estímulos que lhe são dados têm um efeito contrário.

Parece até que, por vezes, queremos transformar crianças em fotocópias, ou em clones, obrigadas a repetir comportamentos ou respostas tantas vezes vazias de sentido ou que não correspondem a qualquer forma de compreensão, nem encontram eco na sua experiência de vida. E se ensinássemos a mesma coisa mas visto de outra perspectiva? Parece-me que essa é a proposta de uma abordagem artística e criativa. E, sejamos tolerantes: na verdade nem todas as pessoas aprendem da mesma maneira nem pelos mesmos processos.

Uma mudança de perspectiva, uma abordagem diferente, requer mais esforço, mas pode também chegar mais próximo da criança, constituir-se como um mecanismo facilitador dos processos de aprendizagem.

Segundo Bruno Munari, a Arte acontece quando existe um equilíbrio entre duas vertentes ou posições. A lúdica e a técnica. Arte = *Tecnhé* + *Asobi*.

Ele remete-nos para o significado de arte em grego que é *techné* (como se faz) e em japonês *asobi* (o prazer de fazer — ou brincar). Cada jogo tem as suas regras e cada arte a sua técnica.

Através de uma interpretação artística e estética dos conteúdos temos a possibilidade de os traduzir ou de os transformar de um modo especial, revestindo os conteúdos de sentimentos e emoções e, simultaneamente, de uma energia muito pessoal, que é a força da inovação e expressão pessoal. Uma actividade artística visa ou permite atingir uma pessoa de um modo global, num gesto de totalidade pois não é apenas dirigida ao pensamento ou a qualquer outra função, mas integra também de uma forma natural, lúdica e envolvente as emoções bem como estimula a vontade.

Na actividade artística há que sublinhar ainda um factor importante: a inovação. Estamos sempre preocupados em criar

algo de novo e assim lidar com a atenção de um modo sempre diferente, surpreendente. E isso é motivante e estimulante.

Quando falo de um ponto de vista desta ou destas novas perspectivas, desta forma de interpretar artisticamente, não podemos colocar de lado ou excluir a dimensão participativa do outro. O papel activo de quem recebe, de quem vê ou ouve. Penso que a actividade artística é inspiradora, ou seja, conta com uma resposta ou reacção. Há um estímulo ao qual apetece responder. Quando estou a ouvir alguém com talento a recitar poesia, então, aprecio a musicalidade da língua e posso participar nela. Se vejo imagens que gosto numa tela, que me estimulam interiormente, então, mergulho nas atmosferas de cor ou nos conteúdos, e isso é inspirador. Há algo nesta estimulação que nos torna activos, que apela à acção. Que dá vontade de fazer, responder ou apenas ver as coisas de outra maneira. Isto é diferente de uma sensação de impotência gerada por falta de criatividade.

A arte permite-nos olhar e ver de maneiras diferentes. Permite-nos um confronto com o mundo através de uma atitude, fundamentalmente, de grande abertura e entrega. Penso que o livro pode constituir-se como um ponto de partida para estimular esta dimensão artística, embora esta se possa encontrar de muitas maneiras.

O livro também pode expressar alguma tendência em sair ou ultrapassar a sua forma mais convencional. Pode agora ter a forma, por exemplo, de um CD ROM ou outra. Mas aqui vamos abordar apenas a sua forma mais convencional ou tradicional. Um pequeno objecto portátil, que podemos levar para qualquer lado, para um sítio confortável, para um sítio aconchegado.

Um livro pode ser contado pelo pai, mãe ou amiga. É muitas vezes associado à presença e à companhia agradável de uma pessoa de quem gostamos, que conta em voz alta, interpretando, personalizando ou adaptando a história a quem a

ouve. Como uma pequena viagem no ritmo próprio e adaptada a cada um. Quantos de nós não relacionamos um livro da nossa infância a uma pessoa querida? O livro ilustrado para crianças é um objecto importante, onde a transmissão de conteúdos é feita de uma forma particularmente afectiva. E isto é, sublinhe-se, a vertente verdadeiramente interactiva do livro ilustrado. Um livro também se pode repetir, reler ou rever as vezes que se quiser. Todas as crianças vêm os seus livros vezes sem conta, reforçando as imagens gravando-as na memória, assim como os momentos de prazer que lhe estão associados.

Considero também estes momentos calmos, em que se está a ver ou ler um livro, como algo de terapêutico no nosso quotidiano apressado, cheio de tensões, de *stress*. Ouvir a musicalidade da linguagem, ver imagens com gamas de cor harmoniosas, só pode criar bem-estar. E se estes momentos agradáveis podem corresponder a importantes momentos de aprendizagem, então, isso é que maravilhoso!

Estamos, assim, a criar fortes referenciais para uma criança através dos livros que lhe apresentamos. Que grande responsabilidade! É importante que os livros sejam bem escolhidos. Que a linguagem visual seja coerente e respeite a sua idade, o seu momento de desenvolvimento. Que a ajude a formar o gosto e a sensibilidade, e que permita que os conteúdos também façam sentido, que sejam compreendidos, que ajudem a compreender o mundo que a rodeia. Parece-me importante salientar a diferença entre mera fantasia ou ver quando esta fantasia é aplicada a uma realidade. É importante viver a fantasia de modo criativo e não para imaginar coisas impossíveis ou sem sentido.

Como ilustradora também sinto esta responsabilidade. Que as ilustrações ou as imagens que encontro ou que produzo transmitam afectividade ou carinho. Que tratem as crianças com respeito e não com agressividade. Que sejam transformadoras das realidades. Para trabalhar preciso primeiro de mergulhar nos conteúdos. Tenho que torná-los meus! Tenho que ler, pensar muito, identificar-me com o texto. Tenho que gostar do

texto e perceber o seu sentido. Tento depois, normalmente, interpretá-lo ou colocar qualquer coisa de pessoal ou de afectivo na minha expressão. Por exemplo: através das cores que uso, posso criar os ambientes apropriados ao que quero ilustrar. Todos nós conhecemos a relação que as cores têm com as nossas emoções: «verde de inveja» ou «verde de esperança» evoca tonalidades de cor muito diferentes. Quando, por exemplo, ficamos muito conscientes de nós próprios o vermelho é a cor que invade a nossa cara ou quando temos medo ficamos frios e azulados. Eu procuro criar ambientes mágicos e fortes, utilizando a cor como ferramenta.

Agrada-me a possibilidade de comunicar através de imagens e valorizo muito os ambientes criados no papel. Que se possa ver e sentir luminosidade nas ilustrações e que isso possa fazer respirar fundo. Que haja algo na expressão que nos possa elevar interiormente. Não me interessa simplesmente mostrar uma coisa como ela nos parece. Digamos de outro modo: não procuro representar fotograficamente, mas antes procuro expressão, interioridade, sem perder de vista a natureza ou o objecto. Para isso a cor é uma ferramenta muito importante, é um elemento formalmente bastante abstracto, mas muito concreto a um nível emocional ou ao nível das sensações que transmite.

Paralelamente dou bastante valor às composições das ilustrações e por isso invisto neste domínio: é a história que vou contar através do posicionamento ou equilíbrio dos elementos. Cada ilustração pode contar uma história em si. É neste contexto que quero também deixar espaço para o observador poder completar ou imaginar uma parte da história, não quero mostrar tudo. Agrada-me a possibilidade de mostrar várias coisas simultaneamente. Há um simbolismo dentro das imagens, um espaço visual onde é possível e desejável interpretar e participar na ilustração.

Mas agora devo falar um pouco sobre os textos que tenho vindo a ilustrar até hoje. Estes continham sempre um ima-

ginário muito rico. Na ilustração destes livros senti uma enorme abertura e liberdade que partia dos textos. E isto é particularmente verdade no que respeita à poesia. Penso que se um texto me inspira, surgem então muitas imagens com que me posso relacionar e tudo é mais fácil. Faço, em primeiro lugar, uma avaliação destas imagens ou ideias em forma de esboços. De seguida passo então para a ilustração propriamente dita. Neste trabalho vive-se uma enorme liberdade de criar ou recriar o mundo. É uma actividade extremamente motivante, estimulante. É algo que surge do interior, que vem de dentro, em que podemos encontrar um discurso ou inventar uma linguagem muito própria. E de dentro de uma série de ilustrações, em torno de um tema ou texto, emerge então algo de novo que não é nenhuma cópia do mundo exterior, mas reflecte uma nova unidade em que o interior e o exterior convivem harmoniosamente. Num livro ilustrado para crianças, esta forma de comunicar é muito íntima. Estamos a transmitir o nosso modo de ver, de sentir ou de interpretar o mundo.

Como as ilustrações saíram de nós, da nossa mão, do nosso gesto ou movimento são muito pessoais e podem transmitir muito calor humano, muita afectividade. Penso que esta expressão é bastante diferente, por exemplo, de ilustrações feitas por computador (que também faço) mas que acabam por ter sempre uma expressão bem mais fria ou mais técnica do que ilustrações «manuais» onde a plasticidade acrescenta ainda a sua própria história, a arte de os fazer.

Um livro, como é um objecto que perdura no tempo, guarda histórias e imagens para muito tempo. Os livros podem acompanhar-nos durante a vida inteira, passam a contar como experiências, a fazer parte da nossa própria biografia. E isto sai, definitivamente, dos limites da capa do livro.

Mas dentro das capas do livro também podemos fazer experiências extraordinárias. Lembro-me de um dos mais bonitos livros que tive em criança *Nella Notte Buia* [*No Escuro da Noite*], de Bruno Munari. É um livro muito especial em que fa-

zemos um passeio através da noite, muito escura. A primeira parte do livro é impressa numa cartolina preta, que transmite sensorialmente a densidade e profundidade da noite. Estas cartolinas pretas são furadas, e vê-se uma luzinha amarela lá ao longe. Tentamos através da história descobrir o que ela é: um pirilampo que vai arrumar a sua lanterninha. A segunda parte do livro é impressa em papel vegetal — tão fresco e leve como a madrugada: a parte da história em que nos encontramos. A história leva-nos a observar a natureza com coisas tão pequenas como as formigas que depois entram numa gruta. A terceira secção do livro é impressa em cartolina cinzenta com textura de granito, semelhante às paredes da gruta em que nos encontramos. Aqui observamos desenhos rupestres e outros tesouros. No fim voltamos a ver algo a brilhar lá no fim da gruta, e desta vez são as estrelas, novamente representadas por pequenos furos na cartolina.

Este livro foi sempre e é, para mim, uma experiência que começa, em primeiro lugar, com o humor com o qual a história é contada, depois continua com uma visão ecológica da natureza e acaba com a experiência sensorial de folhear os diferentes tipos de papel. Este livro mostra ainda, com excelência, a importância da comunicação tátil. É também através do material, do formato e da textura do papel que se comunica. Faz parte de uma forma de comunicar tão importante como a forma visual. A qualidade do papel, o formato do livro obriga-nos a prestar uma atenção especial. Temos que mexer cuidadosamente, ter respeito, não por imposição exterior mas por gosto, por prazer.

Penso que é um bom exemplo de como um livro educa criativamente. (Este livro surgiu para Munari como o culminar de uma sequência de experiências com os seus «livros ilegíveis», pequenos livrinhos sem texto nem imagens, em que ele só utilizava cores, papéis e cortantes. Estes livros foram criados com o objectivo de testar as possibilidades da «matéria comunicante».)

Um livro é algo muito precioso. É caro de se produzir, requer um grande investimento e não pertence ao campo do efêmero como a maior parte dos objectos e brinquedos que rodeia a criança de hoje. Se for de qualidade e encontrar um eco na vida da criança, não se deita fora, mesmo na nossa sociedade de consumo.

Acho que o livro é uma grande árvore, um marco na paisagem interior e ajuda-nos a respirar: transmite a segurança das gerações, transmite a nossa cultura e projecta o nosso imaginário no futuro.